



Reportagem e Documentário: Diferenças, Semelhanças e Possibilidades¹

Jadnaelson da Silva SOUZA²
Maria Francineide Lima de SOUZA³
Márcia Guena dos SANTOS⁴
Universidade Do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir a relação entre o jornalismo e o cinema, através da reportagem de TV e o documentário. Estas duas formas de informar tem particularidades que as afastam e semelhanças que as aproximam. Para entender essas características são apresentados conceitos que balizam o trabalho do jornalista, como noticiabilidade, e os objetivos da reportagem de TV. Faz-se um apanhado também sobre como o documentário é pensado enquanto gênero cinematográfico, a fim de demonstrar suas proximidades e distanciamentos do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem; Documentário; Reportagem de TV; Noticiabilidade.

INTRODUÇÃO

Durante a década de 1960, um grupo de jornalistas estadunidenses reclamou para si a criação de uma nova forma de contar histórias reais: a união de elementos textuais da literatura com a técnica e o rigor jornalístico de apuração de fatos. Era o chamado *New Journalism*. Esse encontro entre o jornalismo e um campo da arte – a literatura – teve seu ápice com o surgimento dos livros reportagens (LIMA, 2004), mas estava restrito ao suporte impresso, ressaltando que o novo jornalismo desta forma não foi uma criação dos americanos, mas uma adaptação do gênero oriundo do Século XIX.

¹ Trabalho apresentado à Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Mossoró-RN.

² Recém-graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, email: jadnaelson@hotmail.com.

³ Recém-graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Multimeios, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, email: marialimasilva2011@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, email: marciaguena@gmail.com.



Um encontro equivalente ao do jornalismo com a literatura, mas dessa vez no suporte audiovisual, é entre o jornalismo e o cinema. No entanto, como com o jornalismo e a literatura, a relação entre o jornalismo e a sétima arte é um tanto conturbada do ponto de vista conceitual. Há ainda uma confusão sobre o que é o jornalismo e cinema em determinadas produções e se há mesmo uma produção que use técnicas cinematográficas com critérios jornalísticos que possa ser considerada jornalismo.

Sobre essa relação dúbia, Jean-Louis Comolli (*apud* PIMENTEL) diz:

Ele [o cinema e, conseqüentemente, o documentário] converge para o jornalismo, para o mundo dos acontecimentos, dos fatos, das relações, elaborando a partir deles ou com eles as narrativas filmadas; e se separa do jornalismo na medida em que não dissimula essas narrativas, não as nega, mas, ao contrário, afirma seu gesto, que é o de reescrever os acontecimentos, as situações, os fatos [...], de reescrever o mundo, mas do ponto de vista de um sujeito [...], narrativa declarada e que faz dessa confissão seu próprio princípio (2006, p. 27).

Este artigo parte dessa discussão sobre os limites tênues entre jornalismo e cinema, mais especificamente entre o documentário e a reportagem de TV. O intuito é o de tentar encontrar respostas sobre como se dá a relação entre o jornalismo e a sétima arte, apontando suas semelhanças e diferenças, entre elas a mais gritante: a objetividade de um e a parcialidade do outro.

REPORTAGEM

A reportagem é um gênero jornalístico que representa um texto mais profundo que a notícia, que aborda o tema de forma mais completa e, às vezes, interpretativa. Toda reportagem é uma notícia, mas nem toda notícia pode ser transformada em reportagem.

O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação – em que a notícia deixa de ser sinônimo de nota – e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto, adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética. (BAHIA *apud* KINDERMANN, 2003, p.39)

A reportagem, enquanto gênero jornalístico, atende a alguns parâmetros que balizam o trabalho do jornalista e o ajudam a compreender o que é ou não noticiável. Esses balizadores



definem a noticiabilidade (newsworthiness) de cada evento, ou seja, sua capacidade para virar notícia. Wolf (1999) define assim noticiabilidade:

Pode também dizer-se que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (p.83)

A noção de noticiabilidade possibilita a racionalização do trabalho jornalístico, uma vez que é impossível transformar todos os acontecimentos em notícia. Então, noticiabilidade está intrinsecamente ligada ao conceito de perspectiva da notícia (newsperspective) (ALTHEIDE *apud* WOLF, 1999, p.83) que é a resposta que os veículos jornalísticos dão a pergunta: quais os eventos cotidianos são importantes? Essa resposta é dada observando alguns pontos, os chamados valores/notícia (newsvalue), que são “um componente da noticiabilidade” (WOLF, 1999, 85), “que atuam combinados e que permitem distinguir o que é notícia do que é apenas acontecimento”. (CANAVILHAS, 2001, p. 3)

Os valores/notícia devem permitir que a seleção do material seja executada com rapidez, de um modo quase ‘automático’, e que essa seleção se caracterize por um certo grau de flexibilidade e de comparação, seja defensável post mortem e, sobretudo, que não seja susceptível de demasiados impedimentos. (WOLF, 1999, p.86)

Galtung e Ruge (*apud* CORREIA, 2011, p.149) enumeraram doze valores-notícia. Os oito primeiros são independentes da cultura, são eles:

- Frequência – “A frequência respeita à existência de uma espécie de sintonia entre a frequência do acontecimento e a periodicidade jornalística.” (CORREIA, 2011, p. 149)
- Amplitude – relacionado à intensidade e à dimensão do fato, quanto maior a amplitude de um fato, maior sua possibilidade de ser noticiado.
- Clareza (ou falta de ambiguidade) – “a inexistência de dúvidas em relação ao acontecimento é diretamente proporcional às hipóteses dele passar a notícia.” (CANAVILHAS, 2001, p. 3)



- Significância (de proximidade e relevância) – “O acontecimento terá mais impacto quanto maior for a proximidade cultural com a audiência e tem de ser relevante. Quanto mais significativo for o sinal, mais provável será a audição dessa frequência.” (CORREIA, 2011, p. 150)

- Consonância – Esse valor/notícia está relacionado a uma imagem pré-concebida que o jornalista tem do fato: quanto maior a diferença entre o fato e a pré-imagem mental, menor a possibilidade do fato ser noticiado.

- Inesperado – “Quanto mais inesperado for o acontecimento mais probabilidades de se transformar em notícia.” (CANAVILHAS, 2001, p. 3)

- Continuidade – “A noticiabilidade de um acontecimento aumenta as hipóteses dos seus desenvolvimentos também o serem.” (CANAVILHAS, 2001, p. 3)

- Composição – “A necessidade de diversificar o conteúdo do jornal leva a que acontecimentos diferentes do gênero dominante do jornal possam transformar-se em notícia.” (CANAVILHAS, 2001, p.3)

Já os quatro últimos são culturalmente determinados:

- Referência a nações de elite – Um fato envolvendo os EUA ou a China tem mais possibilidade de ser noticiado que um envolvendo o Uzbequistão.

- Referência a pessoas de elite – A notoriedade do personagem envolvido no caso influencia diretamente na noticiabilidade do fato.

- Personificação (referência às pessoas envolvidas) – “As notícias têm tendência para apresentar os acontecimentos como protagonizados por um sujeito, uma determinada pessoa ou coletividade composta por algumas pessoas, e o acontecimento é então visto como uma consequência da ação dessas pessoas.” (CORREIA, 2011, p. 151)

- Negatividade (bad news is good news) – “As más notícias tendem a ter mais impacto perante a audiência. Quanto mais negativo for o acontecimento, mais provável a sua transformação em notícia”. (GALTUNG e RUGE *apud* CORREIA, 2011, p. 151)



REPORTAGEM DE TV

A reportagem televisiva, enquanto produto jornalístico, está ligada aos valores-notícia apresentados anteriormente. Ela se difere na forma como é praticada em outros meios graças à sua técnica própria.

O objetivo da reportagem de TV é transmitir informação de maneira abrangente, da forma mais compreensível possível. Isso fica claro nas indicações feitas no manual de redação da Rede Globo (1986)

Um dos grandes desafios do telejornalismo é a “tradução” de informações técnicas, a apresentação de pacotes econômicos, a decifração de termos financeiros etc. Tanto o repórter – na hora de colher as informações – como o redator, na hora de escrever o off, a cabeça da matéria, deve ser humilde o suficiente para perguntar, pesquisar e simplificar. [...] É preferível sermos tachados de professorais por uma elite de escolarização a não sermos entendidos por uma massa enorme de telespectadores comuns. (*apud* VIZEU p. 11)

O manual de telejornalismo do SBT também demonstra grande preocupação com a audiência e é taxativo quanto à necessidade do texto ser entendível por pessoas de todas as classes sociais:

Nada é mais absurdo em televisão do que ouvir um repórter ou apresentador falando como se estivesse lendo um boletim de ocorrência numa delegacia de polícia ou mesmo um trecho de um relatório econômico. Funcionários do governo e acadêmicos em geral adoram estes termos complicados, que parecem funcionar como uma chave em um círculo fechado. Nossa função é decifrar esses jargões e passar tudo para uma linguagem de massa, que possa ser entendida por todas as pessoas que estiverem vendo o noticiário. (*apud* VIZEU, ANO, p.11)

Além disso, a reportagem de TV também deve prezar pela objetividade no trato dos fatos, como apontam Barbeiro e Lima (2002):

A reportagem é a principal fonte de matérias exclusivas do telejornalismo. A busca constante da isenção jornalística é a melhor forma de passar as informações para que o telespectador possa tirar suas próprias conclusões (p.69)



Esta busca pela objetividade e isenção é, como descrito a frente, a principal diferença entre o a reportagem de TV e o documentário.

DOCUMENTÁRIO

Quem primeiro utilizou o termo documentário para se referir a produções cinematográficas foi o sociólogo John Grierson no jornal *The New York Sun*, isso na década de 1920 (OLIVEIRA; CARMO-ROLDÃO; BAZI, 2006, p.7), em alusão a *Moana* de Robert Flaherty. “Grierson ter-se-á referido ao valor documental de *Moana*, em virtude de reconhecer a força da imagem enquanto evidência, enquanto ‘pedaço da realidade’”. (PENAFRIA, 1999, p. 45)

Apesar de o termo documentário ter sido usado, e defendido, há tanto tempo, ainda hoje não há consenso sobre que denominação dar a esse tipo de produção. Por exemplo, o professor Noël Carroll prefere a utilização da expressão filme de “não-ficção”, enquanto o também professor Carl Plantinga refere-se a esses filmes como proposição assertiva. Já outros teóricos, como Bill Nichols e Michael Renov, utilizam o termo documentário, “mas recusam-se a aceitar que existam fronteiras claras entre filme de ficção e não-ficção, pois o consideram como um gênero cinematográfico (aventura, comédia, drama) que dificulta que essas fronteiras sejam estabelecidas”. (OLIVEIRA; CARMO-ROLDÃO; BAZI, 2006, p.8).

Para Fernão Pessoa Ramos (2001) “definir o que é documentário, na realidade, faz parte de uma estratégia provocativa, de conquistar espaço mexendo os cotovelos” (p.5). Um dos pensamentos que possibilita a definição do campo documentário é o analítico, que trabalha basicamente com dois conceitos: o de “preposição da assertiva” e o de “indexação” (RAMOS, 2001, p. 5).

No conceito de “preposição da assertiva” o documentário é entendido como um discurso fílmico carregado de enunciados que afirmam algo, em forma de asserções, sobre a realidade. “Uma asserção é um enunciado que traz um saber, na forma de uma afirmação, sobre o universo que designa. [...] O documentário tomaria, então, sua singularidade da ficção, ao possuir uma forma específica de representação, composta por enunciados sobre o mundo, caracterizados como asserções” (RAMOS, 2001, p.5). Já o conceito de “indexação” toma o documentário a partir da recepção. Depreende-se que o público, ao entrar em contato



com determinada produção, tenha conhecimento sobre o que se está vendo, se é uma narrativa ficcional ou documental. “Como espectadores, fruimos a narrativa em função deste saber prévio” (RAMOS, 2001, p.6).

Acredita-se que não se deve confundir nem identificar documentário com a não-ficção. Este campo abarca, além dos diversos tipos de documentário, outros produtos como o filme institucional, o anúncio publicitário e a reportagem televisiva – essa, aliás, é o que gera mais confusão. Por fim, sobre o argumento de que o documentário situa-se em uma fronteira difícil de ser estabelecida porque é um gênero cinematográfico como qualquer outro, compactua-se com a ideia de Penafria (1999):

Considerar o documentário tão-somente uma ficção como outra qualquer é uma posição que não tem em conta que as imagens dizem respeito ao que tem existência fora do filme; não tem em conta que, em termos de produção, se trata de uma prática diferente; não tem em conta que, em termos de recepção, há diferenças significativas. Considero esta posição uma redução das potencialidades do documentário, a qual coloca limites a um gênero que demonstrou, ao longo da sua história, ter uma identidade própria partilhada pelos diferentes documentaristas, muito embora estes se encontrem num estágio de constante exploração do gênero. (p. 27)

O que se tem determinado é a função do documentário que para Penafria (2001) é “apresentar novos modos de ver o mundo ou de mostrar aquilo que, por qualquer dificuldade ou condicionalismos diversos, muitos não vêem ou lhes escapa” (p. 7).

A construção de um filme documental deve ser pensada ponto a ponto para que o produto atinja seu objetivo final, isso é a elaboração da voz do documentário. “Voz talvez seja semelhante aquele padrão intangível formado pela interação de todos os códigos de um filme e se aplica a todos os tipos de documentário”. (NICHOLS *apud* OLIVEIRA CARMO-ROLDÃO; BAZI, 2006, p.8). Assim, voz do documentário pode ser entendida como muito mais que apenas o áudio do produto. Nichols (*apud* OLIVEIRA CARMO-ROLDÃO; BAZI, 2006) elenca quatro elementos que constituem a voz: a construção imagética, o som, a cronologia dos eventos e o modo de representação.

A construção imagética está relacionada a todos os detalhes ligados à imagem. Ângulos, enquadramentos, movimentação de câmera, filtros e lentes utilizados e imagens de arquivo usadas, tudo isso compõe a construção imagética de um documentário. O som deve receber a mesma atenção que os outros elementos, tanto as vozes em *off* ou não, a música (que



pode ser diegética, ou seja, que ajuda a compor o sentido da história contada, ou não diegética) e o som ambiente. “A cronologia dos eventos diz respeito ao tempo de duração do filme, dos planos e, principalmente, ao tempo dedicado para cada sonora” (OLIVEIRA CARMO-ROLDÃO; BAZI, 2006, p.9.).

Já o último elemento constitutivo da voz do documentário, segundo Nichols (2005), é o modo de representação, que são características diferenciadas que o filme apresenta a depender da sua forma de abordagem da realidade. São pontuados seis modos: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

Esses seis modos determinam uma estrutura de afiliação frouxa, na qual os indivíduos trabalham; estabelecem as convenções que um determinado filme pode adotar e propiciam expectativas específicas que os espectadores esperam ver satisfeitas. (NICHOLS, 2005, p. 135)

A REPORTAGEM DE TV E O DOCUMENTÁRIO

O que se tem são estudos que apontam a proximidade do cinema com o jornalismo, através da produção documental, tendo em vista que ambos “trabalham sob a perspectiva do real, ou de uma representação desse real, com fatos, situações, problemas e personagens reais, o que difere é a forma de abordagem que cada um faz” (PIMENTEL, 2006, p.27).

O jornalismo trabalha sobre a perspectiva do real, procurando ser o mais imparcial possível. O “mito da objetividade” (DETONI, 2010, p. 64) ainda rege o trabalho jornalístico e, assim, minimiza a presença do repórter (diretor) na reportagem. Por outro lado, o cinema busca a subjetividade, a parcialidade, o diretor escancara suas opiniões e isso baliza o trabalho. Para Manuela Penafria (2001), “um documentário é uma obra pessoal e implica uma necessidade da parte do documentarista em expressar algo, em dizer algo sobre determinado assunto” (p. 6).

“Alguns elementos lingüístico-discursivos evidenciam esse caráter autoral: a maneira como se dá voz aos outros, a presença de paráfrases discursivas e um efeito de sentido monofônico.” (MELO, 2002, p.1) E uma característica essencial do documentário é a criatividade usada no processo de edição e montagem como um importante índice de autoria. Essa é a principal diferença entre a reportagem de TV e o documentário.

Penafria (1999) ainda destaca que:

A reportagem tem por objetivo “transportar” o leitor ou ouvinte para o local do acontecimento. [...] A reportagem organiza o seu material de modo a responder, obrigatoriamente, a cinco questões essenciais: quem, o quê, quando, onde e por quê. [...] A descrição pormenorizada do ambiente geral, a personalização da história e o discurso direto são algumas técnicas frequentemente utilizadas e que fazem parte do Livro de Estilo do jornalista. [...] O acontecimento especificamente jornalístico, aquele que é notícia, circunscreve-se no terreno da maior ou menor previsibilidade. (p. 22-23)

Enquanto que no documentário, ainda de acordo com Penafria (1999):

Não existe Livro de Estilo para se seguir. [...] Nada obriga que os elementos que irão fazer parte do documentário (entrevistas, imagens de arquivo, legendas, etc.) sigam esta ou aquela ordem; esses elementos são combinados tendo por único motor a ordenação que o seu autor entender mais adequada para exprimir um determinado ponto de vista ou leitura pessoal ou não sobre este ou aquele acontecimento ou sobre este ou aquele tema. [...] A produção de um documentário está dependente e coloca a ênfase, essencialmente, nas suas imagens. [...] Os temas tratados não se limitam aos que o discurso jornalístico destaca. [...] O filme documentário não se constitui pela apresentação de um, digamos, retrato total do tema que trata. (p. 23-24)

Outros critérios são utilizados, mas não têm consistência enquanto parâmetros diferenciadores. Um desses critérios que alguns teóricos apontam é, por exemplo, a profundidade com que se trata o tema, mas tanto uma reportagem quanto um documentário podem tratar com profundidade um assunto. Outro critério que alguns pensadores apontam é o tempo, mas esse também não parece ser um bom parâmetro, porque compartilha-se da opinião de Melo et. al.(2001) que diz:

A nosso ver, essa diferença simplifica demais o problema, pois, qual seria o limite de tempo que separa um gênero do outro? Não é possível classificar, de maneira consistente, uma matéria que dure 15 minutos como reportagem e, uma outra, com 15 minutos e 30 segundos, como documentário (p.2).

Dessa forma, percebe-se quão diferentes são esses dois tipos de produção audiovisual que têm fronteiras fortemente demarcadas, que se aproximam na ideia de representação do real, mas se distanciam em vários outros aspectos, entre eles, o mais importante, é o caráter autoral que caracteriza o documentário e que é minimizado na reportagem. Para resumir, “o documentário não é notícia nem reportagem; poderá ser, sim, editorial” (PENAFRIA, 1999, p. 24).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo e o cinema se aproximam através do gênero cinematográfico documental. Este, assim como o jornalismo, se propõe a trabalhar sobre fatos reais e representar o real nas películas. Apesar dessa semelhança, o documentário se distancia do jornalismo à medida que tem liberdade e, talvez, obrigação de opinar livremente sobre o assunto que aborda.

Outra diferença entre a reportagem de TV e o documentário é a motivação de cada um. A primeira atende a critérios estabelecidos e internalizados para definir o grau de noticiabilidade de um fato, facilitando a rotina produtiva; o segundo não atende a nenhum pré-requisito na hora de definir seu objeto investigação, aqui a motivação pode ser pessoal ou não, mas a marca do diretor é indelével.

Dessa forma, entende-se que algumas produções jornalísticas de TV se aproximam da linguagem documental, no entanto, vigiam permanentemente princípios julgados básicos no jornalismo – o mais contestado e mais vital neste estudo, a objetividade – a fim de atender às exigências técnicas e mercadológicas dos produtos e das empresas de comunicação.

Assim, como produções jornalísticas se aproximam da linguagem documental, alguns documentários lançam mão de técnicas jornalísticas consagradas, como a entrevista, a presença de um condutor no filme – fazendo a vez de repórter -, bem como o uso de *off*, além de outros recursos.

Portanto, conclui-se que reportagem de TV e documentário têm fronteiras bastante definidas, aproximando-se no tocante à representação do real feita pelos dois, mas se distanciando fortemente em outros aspectos. Conclui-se também que, apesar dessas diferenças, é possível encontrar reportagens de TV se aproximando da linguagem documental e vice-versa, o que prova quão grande é o leque de possibilidades aberto pelo campo audiovisual.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.



KINDERMANN, Conceição Aparecida. **A reportagem jornalística no Jornal do Brasil: desvendando as variantes do Gênero**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003. Disponível em: http://busca.unisul.br/pdf/69876_Conceicao.pdf. Acessado em: 21/06/2012

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri- SP. Manole, 2004.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; e MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, Campo Grande, 2001.

WOLF, Mauro. A Teoria funcionalista das comunicações de massa. In: **Teorias da Comunicação**. 5ª ed. Lisboa: Presença, 1999.

PENAFRIA, Manuela. **O Documentarismo do Cinema**. In: Ícone, volume 1, numero 7, Julho de 2004, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, pp.61-72. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria_manuela_documentarismo_cinema.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2012.

_____. **O filme documentário: História, Identidade, Tecnologia**. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.

_____. **O ponto de vista no filme documentário**. 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva; CARMO-ROLDÃO, Ivete Cardoso do; BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **Documentário e vídeo-reportagem: uma contribuição ao ensino de telejornalismo**. Anais do 9º Encontro de Professores de Jornalismo, 2006. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/dados/grupos/documentario-e-video-reportagem-uma-contribuicao-ao-ensino-de-telejornalismo%5B75%5D.pdf>. Acessado em: 02/06/2012.

CORREIA, João Carlos. **O admirável mundo das notícias**. Teorias e métodos. Covilha: UBI Labcom, 2011.



CANAVILHAS, João. **O domínio da informação-espetáculo na televisão.** Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-dominio-da-informacao-espectaculo-na-televisao.pdf
Acessado em 30/06/2012, às 05h45

PIMENTEL, Camila Filgueiras. **Os modos de endereçamento do Globo Repórter.** Salvador-BA, UFBA, 2006. Disponível em: www.facom.ufba.br/pex/2006_1/TCC%20Camila%20Pymentel.pdf. Acessado em: 02/06/2012, às 10h20.

RAMOS, Fernão Pessoa e Catani, Afrânio (orgs.). **O que é documentário.** Estudos de Cinema SOCINE 2000, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001, pp. 192/207. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf. Acessado em 01/06/2012, às 17h28

VIZEU, Alfredo. **As cidades do telejornalismo:** algumas considerações. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/201/202>. Acessado em 24/04/2013, às 20h14.